

## **TÍTULO:** PENSANDO MANEJOS DE SITUAÇÕES DE RUPTURA DE ENQUADRE NO ATENDIMENTO PSICANALÍTICO DE UMA FAMÍLIA

**Autores:** Paula de M. Sampaio Pessoa<sup>1</sup>; Paulo S. Pita<sup>2</sup>; Marcelo Lábaki Agostinho<sup>3</sup> e Belinda Mandelbaum<sup>4</sup>

**Instituição:** Instituto de Psicologia da USP

**Modalidade do trabalho:** Comunicação coordenada

O atendimento familiar que aqui apresentamos e discutimos teve início com a procura da avó paterna por apoio psicológico ao neto de 4 anos na Clínica-Escola do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Segundo a avó, o pai e o tio paterno do menino haviam sido assassinados na porta de casa um ano antes, na noite em que o grupo de crime organizado PCC – Primeiro Comando da Capital – realizou uma série de ataques a postos e delegacias de polícia, ônibus e escolas, espalhando uma onda de terror que paralisou a cidade de São Paulo. O caso foi encaminhado para atendimento familiar, realizado em co-terapia por um casal de alunos do 5º ano de graduação, com supervisão psicanalítica, dentro da disciplina "Família: abordagens psicossociais e psicanalíticas". Participaram das sessões os avós paternos, a tia-avó materna, a mãe e o menino. O processo terapêutico, que durou aproximadamente 8 meses, testemunhou o trabalho de luto da família, que se fez de formas diferentes para cada um dos membros. Em um primeiro momento, a função dos terapeutas foi a de testemunhar, de afirmar e reconhecer o sofrimento dessa família para que, a partir daí, efetivamente se iniciasse o trabalho do luto. Em seguida, o tema das sessões parece mudar do impacto provocado pelos assassinatos para a reorganização da estrutura familiar. Contornando todo esse movimento do processo terapêutico existia um enquadre, entendido aqui tal como proposto por Bleger (1967), que foi rompido em vários momentos do processo. Essas rupturas de enquadre, e conseqüentemente os conteúdos que delas emergiam, foram de difícil manejo por parte dos alunos terapeutas. Destacamos, então, a importância da discussão sobre enquadre e ruptura de enquadre na formação de terapeutas familiares em Serviços-Escola.

**Palavras chaves:** atendimento familiar de linha psicanalítica; formação de terapeutas familiares; enquadre terapêutico, Bleger.

---

<sup>1</sup> Aluna da graduação do Instituto de Psicologia da USP no momento da realização deste trabalho. [paulamspeessoa@uol.com.br](mailto:paulamspeessoa@uol.com.br)

<sup>2</sup> Aluno da graduação do Instituto de Psicologia da USP no momento da realização deste trabalho. [paulopita@gmail.com](mailto:paulopita@gmail.com)

<sup>3</sup> Psicólogo responsável pelo Serviço de Atendimento a Famílias e Casais do Laboratório de Estudos da Família, Relações de Gênero e Sexualidade do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP. Psicanalista e Mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da USP. [marlago@usp.br](mailto:marlago@usp.br). Av. Prof. Mello Moraes, 1721, bloco D. Cidade Universitária – São Paulo – SP.

<sup>4</sup> Docente do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP, coordenadora do Laboratório de Estudos da Família, Relações de Gênero e Sexualidade. Psicanalista. [belmande@usp.br](mailto:belmande@usp.br). Av. Prof. Mello Moraes, 1721, bloco A. Cidade Universitária – São Paulo – SP.